

## O CORTIÇO DE ALUISÍO DE AZEVEDO: UMA ANÁLISE A ADEQUAÇÃO DOS IMIGRANTES PORTUGUESES NO BRASIL

### THE CORTIÇO DE ALUISÍO DE AZEVEDO: AN ANALYSIS OF THE SUITABILITY OF PORTUGUESE IMMIGRANTS IN BRAZIL

Ana Karennyne Fernandes Bezerra<sup>1</sup>  
Cleidison da Silva Santos<sup>2</sup>

**RESUMO:** Como um país colonizado pelos portugueses, o Brasil sofreu um forte impacto com a imigração dos portugueses. Essa imigração é representada na obra “O cortiço” de Alusio de Azevedo com personificação e destintos rumos sobre cada personagem. Isso nos configurou como pressuposto compreensivo sobre a objetividade de analisar da adequação desses imigrantes sobre a ótica na obra “O cortiço”. A obra situa sua temporalidade no momento após escravidão e as narrativas ocorrem em um cortiço, area perifirerica do Rio de Janeiro. As multiplas interações sociais ocorrem por uma pespectiva capitalista. Personagens como João Romão, Jerônimo e Miranda, por mais que compartilham incialmente do mesmo desejo de consolidarem se no Brasil, ao longo da narrativa apresentam diferentes desfechos em suas vidas perante suas ações e escolhas. Logo, isso nos revela a compelxidade da obra e a genialidade do natulalista Aluísio de Azevedo em conduzir esses desfeiches com sutileza e detalhes de cada personagem, o que nos permitir compreender a vida dos imigrantes portugueses em um país que recentemete aderiu da abolição.

1127

**Palavras-chave:** Cortiço. Imigração. Portugueses. Brasil.

**ABSTRACT:** As a country colonized by the Portuguese, Brazil suffered a strong impact with the immigration of the Portuguese. This immigration is represented in the work “O cortiço” by Alusio de Azevedo with personification and different directions for each character. This configured us as a comprehensive assumption about the objectivity of analyzing the adequacy of these immigrants from the perspective in the work “O cortiço”. The work places its temporality in the moment after slavery and the narratives take place in a tenement, a perifirerica area of Rio de Janeiro. The multiple social interactions occur from a capitalist perspective. Characters like João Romão, Jerônimo and Miranda, even though they initially share the same desire to consolidate themselves in Brazil, throughout the narrative they present different outcomes in their lives in face of their actions and choices. Therefore, this reveals the complexity of the work and the genius of the natulalist Aluísio de Azevedo in conducting these disaffections with subtlety and details of each character, which allows us to understand the life of Portuguese immigrants in a country that recently adhered to abolition.

**Keywords:** Tenement. Immigration. Portuguese. Braz

<sup>1</sup>Aluna do curso técnico em Edificações do Instituto Federal de Educação do Pará: 3º ano do ensino integrado. E-mail: anakarennynelll@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade Nacional de Rosario e professor do Instituto Federal de Educação do Pará. E-mail: Cleidison.santos@ifpa.edu.br

## I. INTRODUÇÃO

A obra “O Cortiço” de Aluísio Azevedo, escrita no final do século XIX, veio a ser considerada a melhor obra naturalista brasileira, narra a história dos moradores do cortiço São Romão e dos portugueses Miranda, João Romão e Jerônimo.

A partir da história de dois portugueses se inicia a história e termina “O imigrante português é retratado no romance, por meio de dois protagonistas concorrentes: Miranda e João Romão.” (MENEZES, 2011). Para mais, a obra também narra o cotidiano de outro português, Jerônimo. É neste sentido, em face das narrativas que descrevem as características destes imigrantes em um Brasil que ainda guardava as estigmas do processo escravista que analisamos os aspectos do processo de adaptação dos portugueses no cortiço, então área periférica do Rio de Janeiro no século XIX.

Para isso, aventamos como objetivo: identificar e analisar a presença portuguesa e suas características descritas por Aluísio de Azevedo na obra O Cortiço. João Romão “dos treze aos vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre as quatro paredes de uma suja e obscura taverna nos refolhos do bairro do Botafogo;” (AZEVEDO, 1997, p.1) É o português ambicioso, capitalista a tal ponto que buscava antes o dinheiro que o próprio conforto que ele poderia trazer-lhe, tinha no coração um desejo de se ver enriquecido no Brasil, e foi ele que idealizou e construiu o cortiço.

Não obstante, as casinhas do cortiço, à proporção que se atamancavam, enchiam-se logo, sem mesmo dar tempo a que as tintas secassem. Havia grande avidez em alugá-las; aquele era o melhor ponto do bairro para a gente do trabalho. Os empregados da pedreira preferiam todos morar lá, porque ficavam a dois passos da obrigação. (AZEVEDO, 1997, p.6)

O segundo português apresentado na obra foi Miranda, que havia comprado um sobrado para si e sua família, na mesma época em que o cortiço começou a ser construído, este tinha sim suas ambições, mas ao contrário de João ele valorizava o conforto e as aparências, não tinha sede somente pelo dinheiro, mas também pelo que o dinheiro o podia lhe dar.

Comprou-o um tal Miranda, negociante português, estabelecido na Rua do Hospício com uma loja de fazendas por atacado. Corrida uma limpeza geral no casarão, mudar-se-ia ele para lá com a família,

pois que a mulher, Dona Estela, senhora pretensiosa e com fumaças de nobreza, já não podia suportar a residência no centro da cidade, como também sua menina, a Zulmirinha, crescia muito pálida e precisava de largueza para enrijar e tomar corpo. (AZEVEDO, 1997, p.3).

O terceiro e último que se faz importante apresentar é o português Jerônimo, este totalmente ao contrário dos dois primeiros não tinha vontade de enriquecer-se, somente de ganhar o suficiente para o seu sustento e de sua família, ele é apresentado na história como um novo empregado para a pedreira de João Romão.

Jerônimo viera da terra, com a mulher e uma filhinha ainda pequena, tentar a vida no Brasil, na qualidade de colono de um fazendeiro, em cuja fazenda mourejou durante dois anos, sem nunca levantar a cabeça, e de onde afinal se retirou de mãos vazias e uma grande birra pela lavoura brasileira. Para continuar a servir na roça tinha que sujeitar-se a emparelhar com os negros escravos e viver com eles no mesmo meio degradante, encurralado como uma besta, sem aspirações, nem futuro, trabalhando eternamente para outro. (AZEVEDO, 1997, p. 23)

Constando que, mesmo os três sendo portugueses ambiciosos e tendo vindo ao Brasil pela facilidade que diziam que os portugueses encontravam lá em se fazer ricos, e também pela política do embraquecimento que chamada portugueses a virem ao Brasil e “melhorar a raça” que foi muito claramente mostrada no livro, cada um tinha diferentes modos de ambição e de se fazerem ricos, um tinha anseio em ter a espécie do dinheiro, não se importando com os bens que ele poderia ou não trazer-lhe, outro tinha somente a ambição de bens materiais, de um nome renomado e de satisfazer-se apropriadamente, o último não tinha ambições para si, veio ao Brasil para melhorar suas condições, mas não em busca de riquezas e sim de um conforto médio, no entanto sua história vai se desenrolando no livro, e ele começa a mudar a “abrasileirar-se” e toma ambições que antes nunca pensou que viriam a chegar a sua mente.

## 2. A PRESENÇA PORTUGUESA

Cada personagem do livro com suas respectivas diferenças, no entanto algumas semelhanças, os portugueses vieram ao Brasil com uma promessa de melhora, cada um com seu ideal do que “melhora” seria. Ao olhar como essa adaptação foi representada no livro, vemos que cada português que tinha um lugar no livro era representado de maneira diferente, talvez a modo de mostrar vários lados de uma mesma moeda.

Os portugueses vieram para cá com um sonho de melhora de vida, a América estava cheia de oportunidades como muitos acreditavam, alguns se saíam bem outros

não, o caso de João Romão e de Jerônimo nos mostram isso, o primeiro tomou conta das oportunidades que surgiam e ainda criava algumas, o segundo, entretanto, buscando não as riquezas do Brasil e sim o conforto. Esse conforto, Jerônimo achou nas mãos de uma baiana e assim só conseguindo a “melhora” em um sentido que ele não procurava, mas acabou encontrando, e o que ele procurava acabou dando muito errado ou muito certo, fator subjetivo inerente a perspectiva do leitor intencionalmente deixado por Aluísio de Azevedo Para o imigrante ele chegou a um nível de vida que nunca tinha sequer pensado que existia, e com o passar do tempo no cortiço acabou se rendendo aos prazeres do país latino. Por outro lado, sua esposa, Piedade, não teve a mesma felicidade, ela continuava a mesma portuguesa e, passava a estranhar a nova pessoa que o marido tinha se tornado. Em suma, depois que Jerônimo se entregou totalmente a tudo que o Brasil poderia oferecer, a mulher se viu esquecida e deixada para trás do mesmo modo que há tanto tempo ela e ele tinham deixado sua terra.

Miranda, esse se apresentou com o que os olhos de todos no cortiço queriam, vivia em um sobrado, tinha empregados, e se tornou o “Barão do Freixal”, sua esposa lhe deu um dote da onde tirou a maioria de sua riqueza, e apesar de infiel, e dos dois se odiarem, ela se fazia útil para ele na questão monetária.

Quando falamos da presença geral dos portugueses na obra, consta-se que eram os portugueses ou pobres ou ricos, ou buscavam alcançar a fortuna através do capitalismo (o caso de João Romão). E, como dito anteriormente, todo contexto (semanário) eram favorável a imigração de alguns portugueses (fato também retrato no romance O Primo Basílio de Eça de Queiroz). Sobre isso, à revolução agrícola em Minho, acabou trazendo vários imigrantes pobres para o Brasil, assim como a descoberta de ouro de Minas gerais, e a promessa de que talvez na corte qualquer um achava algum trabalho “a Corte, onde, diziam-lhe patrícios, todo o homem bem disposto encontrava furo.” (AZEVEDO, 1997, p. 24). Estes acontecimentos levaram inúmeros portugueses a se estabelecerem no Brasil e de tempos ir buscar algo no Rio de Janeiro.

Como não há uma data precisa de quando se passou O Cortiço, só podemos ter certeza de que se passou no período pos escravista no século XIX, e, durante esse período houve vários imigração portuguesa, tal qual retratada na obra. A exemplo, Jerônimo que viera como fazendeiro ao Brasil e, provavelmente, veio da região de

Minho<sup>3</sup> da onde vieram vários dos emigrantes pobres para o Brasil em busca de fortuna. Para mais, a obra nos mostra que João Romão estava trabalhando no Brasil desde sua adolescência o que denota como um imigrante jovem que veio com seus pais ou filho de imigrante conhecido no Brasil: “João Romão foi, dos treze aos vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre as quatro paredes de uma suja e obscura taverna nos refolhos do bairro do Botafogo” (AZEVEDO, 1997, p.1).

Por fim, sobre Miranda é descrito na obra como o proprietário do “cabeça-de-gato” muito provavelmente vieram na chamada “imigração da elite” como consta que os dois vieram mais ricos tanto em sua educação como em posses, para o Brasil esta imigração naquela época era a que se fazia mais comum. No entanto essas são apenas suposições feitas de acordo com o que acontecia na imigração época.

### 3. COMERCIANTES PORTUGUESES NO CORTIÇO

O comércio naquela época era algo que crescia em disparada, o capitalismo ia crescendo conforme os portugueses começavam a chegar e criar modos de ganhar dinheiro. O comércio é retratado na obra como cenário, um ambiente de disputas onde expressava pelo seu tamanho a ascensão financeira de seus donos. Sobre isso, João Romão e sua área de casinhas iam se estabelecendo lá outras “vendinhas”, no entanto nenhuma crescia tanto quanto a dele.

Abriram-se novas tavernas; nenhuma, porém, conseguia ser tão afreguesada como a dele. Nunca o seu negócio fora tão bem, nunca o fínório vendera tanto; vendia mais agora, muito mais, que nos anos anteriores. (AZEVEDO, 1997, p.6)

O comerciante precisava dispor de uma mente astuta, pois não eram todos que conseguiam sucesso nessa área, um exemplo disso é Miranda, que mesmo tendo todo dinheiro, toda a disposição e nome, nunca foi capaz do sucesso de seu vizinho português. Isto é o deixava cheio de inveja, mas não mudava que ele não era daqueles que aspiravam para o comércio.

Outro comerciante português presente na obra é João Romão, o dono de uma estalagem que se firmou perto do cortiço “São Romão” e logo houve atritos entre as duas estalagens.

---

<sup>3</sup> Esses pequenos proprietários rurais pobres, rudes, originários do norte de Portugal, da região do Minho, contribuíram para a formação da imagem negativa e preconceituosa do imigrante português, estigmatizando-os como pessoas pouco qualificadas intelectualmente.

[...] figurava como seu dono um português que também tinha venda, mas o legítimo proprietário era um abastado conselheiro, homem de gravata lavada, a quem não convinha, por decoro social, aparecer em semelhante gênero de especulações. (AZEVEDO, 1997, p.71).

Quanto a esse, é descrito como apático a vida ao desenvolvimento do cortiço. Este proprietário se mostrou muito diferente dos outros portugueses, e quase não demonstra interesse no cortiço. O conselheiro, proprietário e concorrente de João Romão fazia típicos movimentos para ganhar mais dinheiro para si. Neste sentido, é visto que ele não foi tão além como João Romão para ter a certeza de que seu cortiço seria o “melhor”, ele era um típico comerciante português, rico e que não se deixava abalar com nada por questões de aparência.

### 3.1 João Romão e suas ambições

Como a maioria dos países europeus, Portugal deixou suas ambições claras desde a expansão marítima, e estas se mostraram bem claras na obra em que cada português que querendo ou não tinham suas ambições, como mostrado anteriormente, todos eles foram ao Brasil com seus objetivos e ambições em mente.

Os portugueses da obra se mostraram com uma disposição a se estabelecer no país com uma posição melhor da que se encontravam ao saírem de seu local de origem. Essa ambição é representada por Aluísio de Azevedo na figura um puro capitalista, João Romão. Como um digno representante de classe mais avantajada têm-se Miranda “o barão”, um comerciante rico e de decoro social vemos o dono do cabeça-de-gato, e temos também o português que se inclinou ao Brasil e se viu mais brasileiro do que nunca, este é o Jerônimo.

João Romão não saía nunca a passeio, nem ia à missa aos domingos; tudo que rendia a sua venda e mais a quitanda seguia direitinho para a caixa econômica e daí então para o banco. Tanto assim que, um ano depois da aquisição da crioula, indo em hasta pública algumas braças de terra situadas ao fundo da taverna, arrematou-as logo e tratou, sem perda de tempo, de construir três casinhas de porta e janela. (AZEVEDO, 1997, p.2).

João Romão é um personagem que torna se a figura central na obra. Com sua sede pelo dinheiro, ele transformou se no capitalista principal da história, com seus projetos para ganhar cada vez mais dinheiro. A obra mostra a ascensão do personagem como comerciante pelo crescimento metrificado de sua taberna. O desfecho da narrativa revela a cada movimento de João Romão, suas ações, ligados a astúcia de barganhar e paralelo os resultados de seus esforços tornam se visíveis (materializa) no crescimento do seu comércio.

Começou como um imigrante de uma terra longínqua em um país novo, e buscando uma riqueza que existia só em seus sonhos, no entanto foi trabalhando e guardando dinheiro para si, e conseguindo a cada dia ficar mais perto de sua riqueza, e então quando conseguiu o suficiente que se viu afastado do trabalho a outra pessoa, e começou a servir a si mesmo e astuto como sempre foi, se infiltrou na vida de uma escrava de um português e logo a conseguiu para si.

Bertoleza também trabalhava forte; a sua quitanda era a mais bem afreguesada do bairro. De manhã vendia angu, e à noite peixe frito e iscas de fígado... Um dia, porém, o seu homem, depois de correr meia légua, puxando uma carga superior às suas forças, caiu morto na rua, ao lado da carroça, estrompado como uma besta. João Romão mostrou grande interesse por esta desgraça, fez-se até participante direto dos sofrimentos da vizinha, e com tamanho empenho a lamentou, que a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras. Abriu-se com ele, contou-lhe a sua vida de amofinações e dificuldades. (AZEVEDO, 1997, p. 1).

Esses dois amigos na vida e no trabalho (que para João Romão não tinha muita diferença) começou sua vendinha e não obstante o português logo começou suas artimanhas e guardando cada vez mais o seu dinheirinho e construindo as pequenas casinhas que logo iriam se tornar no grande cortiço de “São Romão”. O português não tinha interesse em nada do que o dinheiro poderia trazer-lhe além de mais dinheiro, usava as roupas que eram necessárias, não comia mais que o necessário, e não tinha anseio por bens materiais, como seu vizinho o Miranda.

O português tinha sua cabeça focada no que lhe rendia mais dinheiro, tanto que adquiriu até uma pedreira que não ficava longe de seu cortiço, onde também tirava dinheiro, no entanto a pedreira nunca lhe rendeu tanto quanto, quando ele contratou o Jerônimo, esse português fez grandes mudanças na pedreira e rendeu o dinheiro no qual foi investido nele.

As ambições desse personagem ficaram todas para ele, até certo ponto da história onde ele começou a perceber que o dinheiro não iria lhe dar o que era necessário. Seu vizinho tinha virado barão, e ele continuava no mesmo ponto, na mesma vida. O português começou a ter ambições que nunca antes tinha lhe passado pela cabeça, e começara a por em prática aquelas que ficavam somente em seus sonhos. Não demorou muito ele estava em companhias que nunca tinha tido antes, Miranda mesmo o convidava para jantar, e ele já estava querendo um casamento com uma moça respeitada, e essa mulher se tornou a filha do próprio Miranda, esse dois já não tinham mais desgostos um pelo outro depois da grande mudança de João Romão, com roupas belas, o cortiço mais arrumado, o português era outra pessoa.

### 3.2 O barão do freixal

Este, que no fim da história estava bem diferente do que quando começou e, mesmo não estando dentro do cortiço em si, mas ainda fazia parte dele (pro seu desgosto com, o bem mostra na obra). Miranda é o português que queria tudo, mesmo já tendo o bastante, o que demonstra a sua ambição, e ao ver seu vizinho que não era nada parecido com ele, ter mais sucesso, isto o deixou cheio de inveja e ira, pois para ele não tinha sentido alguém como João Romão, o qual se vestia mal, não era de bom nome e nem tinha nenhum título, ter tais sucessos na vida.

Tinha inveja do outro, daquele outro português que fizera fortuna, sem precisar roer nenhum chifre; daquele outro que, para ser mais rico três vezes do que ele, não teve de casar com a filha do patrão ou com a bastarda de algum fazendeiro freguês da casa! (AZEVEDO, 1997, p. 8).

Miranda veio ao Brasil, com a sua “melhora” definida pelo dote que veio de seu casamento, ele conseguiu se estabelecer no país com sucesso, mesmo ao odiar com fervor sua esposa, que ele bem sabia que era infiel, mas ela compensava justamente para o que era necessário para ele. Apesar dos dois se odiarem, acabaram achando conforto na cama ao anoitecer, e mesmo que eles passassem a noite juntos, não se suportavam além disso. Com este dote ele conseguiu manter seus negócios no lugar, mas sem grande mudança nos lucros.

O que realmente mudou em sua vida ao longo da história foi seu título, o qual foi dado pelo governo português de “Barão do Freixal”. Ao receber este título, ele não perdeu tempo em comemorar, e deu muitas festas, todos o felicitavam, e ele com esse novo título chamou até o vizinho para um a de suas festa, entretanto este que ainda estava cheio de inveja e ainda não tinha tido a mudança radical que vimos que aconteceu no ponto anterior, não o aceitou, tampouco achava que o barão iria se importar.

No outro dia a casa do Miranda estava em preparos de festa. Lia-se no “Jornal do Comércio” que Sua Excelência fora agraciado pelo governo português com o título de Barão do Freixal; e como os seus amigos se achassem prevenidos para ir cumprimentá-lo no domingo, o negociante dispunha-se a recebê-los condignamente. (AZEVEDO, 1997, p. 53).

Miranda, veio ao Brasil com o objetivo de se estabelecer aqui e encontrar as riquezas prometidas que diziam que todo português respeitável conseguiria. Conquanto ele não encontrou tais riquezas em abundância, ainda sim conseguiu estabelecer seu comércio de maneira mediana, nem perdendo lucros nem ganhando em demasiada quantidade. O que o fez talvez não ficar tão aborrecido com tal fato



era que apesar disso ele ainda era um Barão, e com esse título vinha dinheiro e respeito.

### 3.3 O português brasileiro

Jerônimo, português abraçado, foi o que caiu nas graças da cultura brasileira, influenciado por uma mulher da Bahia, não conseguiu resistir às “tentações brasileiras”, e logo se viu longe de seus costumes, de sua cultura.

Vindo de uma série de lutas por condições melhores de vida para si e sua família, Jerônimo foi ao Rio de Janeiro com sua promessa de “melhora” na forma de um emprego onde recebesse relativamente melhor, e como descreve Aluísio de Azevedo (1997) que não demorou muito para o então português encontrar um “furo”. O personagem começa sua vida quebrando pedra em uma pedreira, no entanto como ele era muito esperto e dotado de algumas habilidades, conseguiu avançar de posto, logo se torna um dos mais importantes empregados naquela pedreira, e já era muito diferente de seus companheiros de trabalho, pois seu chefe o tornou como algum tipo de contramestre. Contudo surgiu algumas complicações que o fizeram desgostar da pedreira em que trabalhava e procurar por outra, e aí foi que lhe falaram de João Romão que era dono de uma pedreira. Então, Jerônimo foi falar com este e logo entraram em acordo acerca do emprego e de seu salário. Logo ele se acomodou na estalagem de São Romão, (pois era mais prático do que continuar vivendo onde ele estava antes) e não demorou alguns meses, Jerônimo logo trouxe lucro para o seu chefe e esse se alegrou com sua decisão de contratá-lo, até lhe dando um aumento.

Ao se mudar para o cortiço, não há indícios de alguma mudança de comportamento, ao contrário ele e sua mulher continuavam vivendo como sempre viviam, com saudade de sua terra, comendo as mesmas comidas com os mesmos temperos de lá, até que então chega o que chamamos de “ápice” da história do português, pois foi nesse momento que a vida dele viria a mudar definitivamente, ele sabendo disso ou não, e este foi o momento em que ele conheceu Rita Baiana.

Jerônimo levantou-se, quase que maquinalmente, e seguido por Piedade, aproximou-se da grande roda que se formara em torno dos dois mulatos... E viu a Rita Baiana, que fora trocar o vestido por uma saia, surgir de ombros e braços nus, para dançar. A lua destoldara-se nesse momento, envolvendo-a na sua coma de prata, a cujo refulgir os meneios da mestiça melhor se acentuavam, cheios de uma graça irresistível, simples, primitiva, feita toda de pecado, toda de paraíso, com muito de serpente e muito de mulher... E Jerônimo via e escutava, sentindo ir-se-lhe toda a alma pelos olhos enamorados. (AZEVEDO, 1997, p. 35).

A partir desse momento que a história do personagem começa a tomar um rumo diferente do que previamente tenha sido o que estabelecido para ele. Jerônimo se vê totalmente incapacitado no dia seguinte ao seu encontro com a mulata, acabou enfermo, o que culminou o encontro de fato com Rita. Ela que ao ver o seu vizinho indisposto, prontamente foi ajudar, com suas receitas brasileiras, que para a surpresa da esposa de Jerônimo, este de bom ânimo as aceitou todas. Isso culminou na mudança não somente na pessoa, mas também de hábitos dele. Se Jerônimo antes odiava tomar café, passou a toma-lo todo dia sem falta, foi quando sua esposa passou a se preocupar do que quando ele estava doente, pois ela não era cega e podia ver o brilho no olhar de seu marido doente para a Rita Baiana.

E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo abrigou-se. A sua casa perdeu aquele ar sombrio e concentrado que a entristecia; já apareciam por lá alguns companheiros de estalagem, para dar dois dedos de palestra nas horas de descanso, e aos domingos reunia-se gente para o jantar. A revolução afinal foi completa: a aguardente de cana substituiu o vinho. (AZEVEDO, 1997, p. 44).

A cada dia era mais perceptível à mudança do português, e quem mais se incomodava com isso era Piedade, sua esposa. O novo Jerônimo era irreconhecível, sua mulher não sabia quem ele era mais, não gostava mais de sua comida, tomava café e aguardente. Jerônimo também não se preocupava em achar conforto na cama de sua esposa, seus pensamentos estavam todos voltados para a mulata.

Jerônimo, com efeito, pertencia-lhe muito menos agora do que dantes. Mal se chegava para ela; os seus carinhos eram frios e distraídos, dados como por condescendência; já lhe não aflagava os rins, quando os dois ficavam a sós, malucando na sua vida comum; agora nunca era ele que a procurava para o matrimônio, nunca; se ela sentia necessidade do marido, tinha de provocá-lo. E, uma noite, Piedade ficou com o coração ainda mais apertado, porque ele, a pretexto de que no quarto fazia muito calor, abandonou a cama e foi deitar-se no sofá da salinha. (AZEVEDO, 1997, p. 44).

O momento em que o ápice se tornou um precipício do qual Jerônimo prontamente se jogou. Aconteceu em uma festa no cortiço, dia em que todos estavam muito animados, incitados pelas comemorações de Miranda com o novo título de Barão, a música reinou e a Rita baiana estava inspirada a dançar e rebolar seus quadris, e seguindo o fato de que Firmo, seu amante estava cheio de ciúme, pois não podia se negar as intenções por trás dos olhares de Jerônimo para a mulata, e este último que não conseguia tirar os olhos dela durante a festa toda não ajudava a acalmar os nervos de Firmo. Não demorou muito para os dois começarem a brigar, o

que sucedeu em Firmo no hospital, sua mulher em prantos, e Rita preocupada e já cheia de amores por aquele português que com tanta bravura enfrentara o Firmo – assim pensava ela.

Depois disso, houve uma séria de acontecimentos que terminaram na chegada ao chão de Jerônimo. Depois de seu “pulo do precipício”, no entanto o único machucado que ele sofreu foi figurativamente falando o de seu coração. que já não batia mais por ele e sim por sua amada, a mulata tomou lhe a alma, e ele caiu de joelhos para tudo, ela, o Brasil. O português já não tinha em si um traço de sua terra, abandonou a família, e para ele só tinha uma coisa que era importante, sua Rita, seu objetivo era tê-la e nunca mais viver sem ela. E assim sucedeu, mudou-se do cortiço, deixou um dinheiro com a família, e passou a viver com Rita, e a história do brasileiro (não mais o português) termina no livro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da obra, vemos uma evolução única em cada personagem, sendo esta grande ou pequena, o autor se preocupou em mostra que os personagens principais, secundários e terciários, cada um teve um final diferente de seu início. Os três personagens portuguesas tiveram uma dedicação maior na escrita de sua evolução por parte do autor, afinal eles eram personagens principais.

O primeiro personagem citado na história foi também o último, em sua história houve uma grande mudança em seus modos de agir, e se portar, mas também na mente, esta mudança também aconteceu em outro português, Jerônimo teve sua mudança em absolutamente tudo, foi como observar um novo homem nascer e matar o anterior e enterrá-lo em um lugar onde jamais seria achado, onde João Romão simplesmente começou a criar novos hábitos, Jerônimo simplesmente adotou mudar radicalmente. O personagem Miranda teve sua revolução de forma diferenciada onde, ao invés de uma mudança clara, foram apresentadas mudanças sutis, como quando ele convidou João Romão para sua festa de comemoração de seu novo título, não foi apresentado se a intenção era esbanjar esse fato, ou se houve de fato boas intenções por trás, mas foi claro que Miranda só apresentou como um potencial amigo para João depois que este se tornou mais “apresentável”. Depois disso a mudança de verdade apareceu no fato de ele não sentir mais inveja do português e

sim orgulho por suas conquistas, e permitindo até mesmo que este se casasse com sua filha.

A obra “O cortiço” consegue demonstrar através da escrita, um pouco da realidade de vários portugueses daquela época em apenas 3 personagens: João Romão, Miranda e Jerônimo. A intenção por trás disso não se tem como certa, se era mostrar um lado de cada português, ou simplesmente ser uma obra naturalista de fato, o ponto é que esta história se mostra indispensável para o conhecimento de uma realidade portuguesa em um ambiente brasileiro daquela época. Por fim, a obra “O cortiço” de Aluisio de Azevedo, traz uma radiografia do Brasil e principalmente dos portugueses que vieram em busca de fazer fortuna como comerciantes no Rio de Janeiro, século XIX.

## REFERÊNCIAS

**AZEVEDO**, Aluísio. *O cortiço*. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997. (Bom Livro).

**MENEZES**, Leila. O imigrante Português: representações na literatura brasileira. In: *Simpósio Nacional de História – ANPUH, nº16, 2011, São Paulo. Anais do XXVI.*